

# JOÃO ALBASINI MORREU HÁ 63 ANOS



Fez no passado dia 15 de Agosto, 63 anos que morreu João dos Santos Albasini. Figura de incontestável importância histórica e política dentro do jornalismo e da literatura moçambicanas, a «Gazeta» não quis deixar de assinalar esta efeméride, prestando assim homenagem a este moçambicano dos primórdios do nacionalismo.

Homem controverso, pois, de angariador de contratados passa a acérrimo defensor dos direitos dos moçambicanos, João Albasini autor de «O Livro da Dor» está agora a ser estudado por vários historiadores que dentro em breve irão mostrar a verdadeira dimensão e valor desta personalidade.

A páginas cinco do livro de registos de óbitos da Missão de Sant'Ana da Munhuana de 1922\* encontra-se exarado o seguinte assentamento:

*«Aos quinze dias do mês de Agosto do ano de mil e novecentos e vinte e dois, junto desta Missão de Sant'Ana da Munhuana, da cidade, concelho e distrito de Lourenço Marques, Prelazia de Moçambique, faleceu um indivíduo do sexo masculino, de nome João dos Santos Albasini, de idade de quarenta e seis anos, filho de Ignacio João Albasini e de Joaquina Correia d'Oliveira\*\*», natural desta cidade, o qual foi sepultado no cemitério público desta cidade. E, para constar, lavrei em duplicado este assentamento que assino. Era ut supra.*

*O Superior da Missão  
P. José Braz Matosos.*

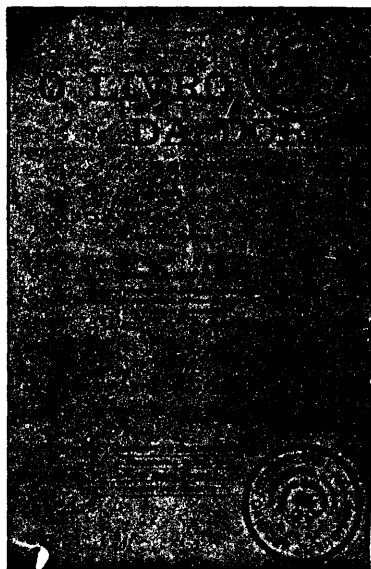
Sessenta e três anos depois, em circunstâncias que ele nunca viveu, mas que com certeza sonhou, algumas palavras e um minuto de silêncio para e por um homem que sempre pugnou, dentro do que lhe era possível e à sua maneira, por aquilo que hoje

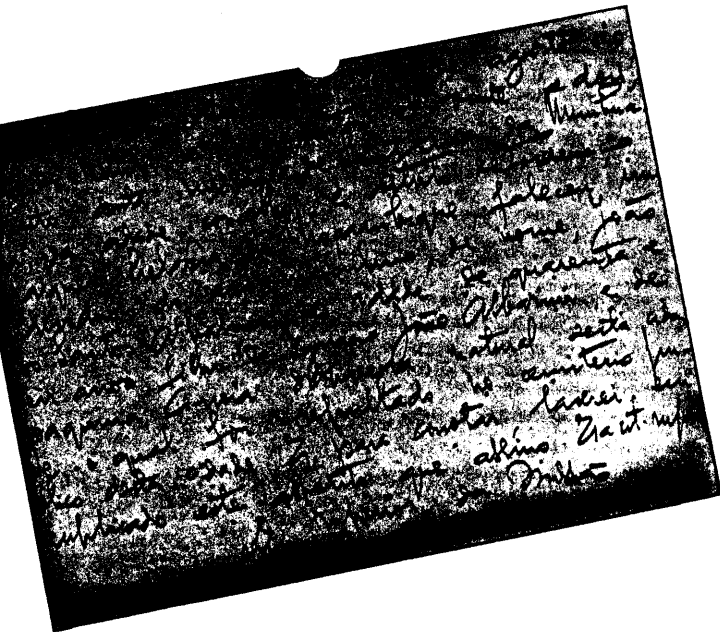
temos: LIBERDADE. E deixou obra, dispersa nos seus inúmeros artigos de intervenção social (só e porque não dizer política?), nos jornais «O AFRICANO» e «BRADO AFRICANO», que, com seu irmão, José Francisco Albasini, fundou e dirigiu. É dele também «O LIVRO DA DOR (Cartas de Amor)», postumamente publicado por Marciano Nicanor da Sylva (que também assina o prólogo), nesta cidade, em 1925, entre nós pouco divulgado e analisado, conquanto produto literário de um verdadeiro precursor das nossas letras, de que transcrevemos esta breve passagem, que o caracteriza na sua plenitude de HOMEM:

*«Hoje apalpado pelos seus gostos, sofrendo sem merecer tais torturas, alanceado pelas dores, reconheço que andava transviado da verdadeira doutrina. O ser superior é a Mulher. O homem é aquilo que a mulher quer que ele seja; ponto é haver entre eles comunhão espiritual, o amalgamento que os torne um só. Assim reconheço hoje tarde, muito tarde, que há amor, que há paixão; e isto leva-me a apiedar-me de tanto desgraçado que*

*pára neste mundo de misérias, tanto alucinado que impulsionado pela paixão rouba e mata!*

*Assim quisesses tu e erguer-me hias às culminâncias da*





## DADOS BIOGRÁFICOS

João dos Santos Albasini, filho do negociante Francisco João Albasini e de Facaranam (ou Secarane), baptizada Joaquina Correia d'Oliveira, filha do régulo da Maxaquene, nasceu a 2/11/1876 e faleceu em Lourenço Marques, a 15/8/1922. Aprendeu as primeiras letras na escola paroquial de Lourenço Marques, tendo como professor o padre Domingos Luís Caelano de Sousa (Notícias, n.º 5544, de 26/7/1944). Ainda no século passado, foi durante alguns meses ajudante de despachante; foi um dos fundadores do Grémio Africano de Lourenço Marques (em 24 de Dezembro de 1908), legalizado em 7 de Julho de 1920, e dos jornais «O AFRICANO» e «BRADO AFRICANO». Em 1919, deslocou-se a Portugal, onde manteve contactos com a Liga Africana e apresentou ao Governo português algumas reivindicações (fim do trabalho forçado, da discriminação racial, do Imposto de Palhota, da expropriação das terras e mais educação). Recusou, em 1915, o cargo de Director do Jornal «PORTUGAL NOVO», fundado em Portugal, por africanos. Colaborou no «COMBATE» órgão do Partido Socialista Português, pouco antes de deslocar-se a Portugal, preparando o público e as autoridades portuguesas para as reivindicações que iria apresentar.

António Sopa

virtude; colocar-me hias nos altos da dignidade; farias de mim um santo no seu nicho orando e lutando pela felicidade dos nossos patriotas que tanto precisam de orações e defesa para que dêes se afaste tanta injustiça; ter-me hias rendido a teus pés, trabalhando só para ti, apagando todo o meu passado de vagabundo. Era questão de queres que eu fôsse um Bom. Repeles-me e aí vou eu: Quando eu, naufrago que tanto hei lutado com os elementos adversos, sedento de paz e amor me agarrava a ti, ansioso, como meu doce abrigo, como meu arrimo — meu bordão para o resto desta penosa jornada — sacodes-me das tuas saias, varres-me com o pé para os abismos. Quem sabe, agora, onde irei parar? Fôrças já não tenho e isto sente-se só uma vez. Uma só vez se ama — e ainda bem, porque o insensato que outra vez procurasse tal tormento mereceria da humanidade sã um tiro, um tiroiteio pegado. Ah! não... Isto é doloroso de mais para se desejar segunda vez!

E contudo é isto o amor, o enlêvo dos poetas, a causa primária, a cousa mais doce que há na vida!

Eu pasmo como se pode desejar um tal inferno! É lá doce, é lá nadat!.

Escrever sobre João Albasini, a sua obra e, ainda, o seu papel no despertar do espírito «nacionalitário» (como é moda agora dizer-se, para diferenciar de «nacionalista», este sim, já preenhe de «nacionalismo», segundo os apologistas desta dicotomia) não cabe aqui, nem é nossa intenção, outros haverá para o fazer. Tão só pretendemos trazer à memória, hoje e neste espaço, essa grata figura paradigmática de intelectual moçambicano, que deu a sua quota parte para que esta PÁTRIA nos fosse REALIDADE.

Manuel Lemos

\* Arquivo no Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo.

\*\* No registo de nascimento constam os nomes Francisco João Alvazinho (ou Alvasinho), e Facaxanam, respectivamente.